
O DISCURSO MÉDICO SOBRE O EXERCÍCIO DAS PARTEIRAS NA CIDADE DE GOIÁS (SÉCULO XIX)

Mônica de Paula P. Age
Universidade Federal de Goiás
monica.age@hotmail.com

No Brasil, os argumentos pela criminalização das mulheres parteiras encontraram, durante o período imperial, um aliado poderoso no discurso médico.

No Rio de Janeiro, no decorrer do século XIX, Luiz Felipe de Alencastro afirma que, as parteiras eram conhecidas e temidas em decorrência da imperícia delas na realização de partos. Aparadeiras, assistentes e curiosas eram nomes atribuídos a essas mulheres. Alencastro aponta a falta de um corpo médico e o imaginário social feminino da época como facilitadores da prática dessas mulheres parteiras. A ausência de um conhecimento médico por parte dessas mulheres fazia com que o índice de mortalidade de recém-nascidos fosse alto. O historiador observa ainda que, em decorrência desse fato era, comum ter uma cruz preta em frente das casas em que habitavam as parteiras, sinal indicativo de sua profissão.¹

A imagem depreciativa das mulheres parteiras, acusadas como responsáveis pela morte de mães e recém-nascidos em virtude da sua falta de qualificação profissional, e a emergência de um saber científico são, também, encontrados no discurso médico durante o século XIX na Cidade de Goyaz, por meio de um requerimento elaborado em 1822 por Gabriel Marie Ploesquellec, físico das tropas. Ele escreve à Secretaria de Estado dos Negócios do Império, pedindo providências para que se institua um curso que ensine as técnicas profissionais necessárias para a realização de partos às parteiras.

Que tendo observado, e conhecido os deploraveis efeitos, que resultão da ignorancia das Parteiras do interior deste Imperio, onde hum numero incalculavel de creaturas morrem diariamente

na ocasião de seus partos, levando ao tumulto seus filhos, victimas innocentes da mais crassa ignorancia, e não podendo deixar de se penetrar sensivelmente para hum tão lastimoso quadro, tomou a resolução de remediar do melhor modo possível a hum mal, q. quanto mais se renova tanto mais atrasa o asigmento da população do vasto Brasil, e nenhum outro lhe parecendo mais proprio; que hum tratado simples resumido sobre as manobras dos partos seguido dos soccorros, q. reclama huma mulher novamente parida e a sua cria, occupa-se presentemente da sua conclusaõ, conformando-se ao methodo, q. se segue no Hospital da Maternidade de Paris para instrucção das Parteiras. (...) que se crie huma Aula de Partos².

Ploesquellec foi o primeiro, na Província de Goyaz, a reconhecer a necessidade de instruir as parteiras por meio de um curso regular sob sua orientação, ou seja, por meio de um conhecimento médico. Como relata em seu requerimento acima citado, sua preocupação era a ausência de parteiras hábeis na cidade o que fazia com que mulheres sem qualquer conhecimento científico se tornassem parteiras. Tal situação era para ele desastroso, dada a alta taxa de mortalidade infantil e materna durante o parto.

A partir da análise do documento de Ploesquellec, podemos afirmar que, simultaneamente à construção de um discurso depreciativo referente às mulheres parteiras na Cidade de Goyaz, havia uma proposta pedagógica com o intuito de fornecer a elas conhecimentos da medicina francesa e não de extinguir as suas práticas.

Para Genesco Bretas, a proposta de transmitir conhecimentos médicos às mulheres parteiras da Cidade de Goyaz estava presente também no discurso governamental, principalmente na primeira metade do século XIX. Afirma o autor que a Câmara Municipal da Capital da província de Goyaz, por meio de um exame de qualificação, realizado junto aos profissionais da saúde, concedia às mulheres parteiras uma carta de credenciamento que lhes permitisse exercer a profissão.

Nos tempos de D. João VI e de D. Pedro I, dava-se carta ou licença a pessoas que tivessem alguma prática nas artes de curar doentes, extrair dentes ou partejar, depois de passarem por um exame perante os respectivos profissionais, na Corte era mais comum, na Província de Goiás poucas foram as licenças concedidas já que não havia médicos nem farmacêuticos para

realizar os exames [...]. Eram cartas de cirurgião, dentista ou parteira. A maioria desses credenciados era constituída de pretos forros, porque quase somente estes se prestavam a lidar com doentes.³

A partir da afirmação de Bretas, nota-se que na província de Goyaz, vários motivos contribuíram para que essa prática não tivesse continuidade. Além de não haver conhecimentos dos práticos em requerer a licença não havia, como o autor cita, profissionais para realizar os exames. O autor chama atenção ainda para a origem étnica das mulheres parteiras e a classe social a que pertenciam aspectos esses que muito contribuíram para a construção do discurso que as desqualificava.

De acordo com Jerônimo Carvalho Bueno, médico da Cidade de Goyaz, também deve ser reconhecida a importância das parteiras no cotidiano da província de Goyaz, pois, no caso de Vila Boa,

As parteiras ou curiosas, muito famosas, já que não era bom tom chamar-se médico para esses casos, usavam para a mais rápida secagem e queda do cordão umbelical azeite de mamona e pó de fumo torrado, causa talvez de milhares de casos de tétano umbelical.⁴ [o grifo é nosso]

Vemos que o relata acima contrapõe-se ao discurso em voga na área da saúde, que quase sempre perseguiu o exercício das parteiras. Mostramos ainda as técnicas usadas por elas, como também a confiança que a sociedade depositava nelas. Percebe-se a ajuda dessas mulheres até após o parto, o que demonstra que, além de realizar partos, elas cuidavam também da saúde dos recém-nascidos.

Algumas técnicas usadas pelas parteiras também estavam presentes nos procedimentos dos doutos. Por exemplo, na Cidade de Goyaz, no período, os aspectos relacionados a gravidez e ao parto compreendiam conhecimentos médicos, valores morais e religiosos da cultura local. Essa situação foi retratada pelo estudante de medicina goiano Theodoro Rodrigues de Moraes⁵, em uma carta datada de 1839 e endereçada ao Hospital São Pedro de Alcântara para o médico Moretti Foggia.

Illmo Am^o Sr. Dr Foggia.

[...] a pedido do Illmo amigo realizei o parto da Senhora Benedicta de Sousa. A mulher apresentou dificuldades de parir. O parto não effetuou naturalmente já que a dilatação foi insufficiente pois [ilegível] familia não foi-me permittido introduzir a mão no utero da mulher para facillitar a rotação. Appliquei o forceps para fazer a versão aphalica com manobras mixtas para deixar o parto terminar espontaneamente como bem accoiteceu as rezas a Nossa Senhora do Bom Parto alliviaraõ os suppllicos da mulher. Recommendei que durante uns quinze dias, e principalmente no começo a doente deve evitar todo e qualquer movimento dos membros inferiores e da bacia e que o curativo vaginal durante 3 a 4 dias não deve lavar passados os dias fazer lavagem com folhagem [ilegível] como de costume aqui na Cidade de Goyaz[...].⁶

Note-se que, durante o século XIX na Cidade de Goyaz, o uso de ervas medicinais faz parte do receituário médico, o que também era recomendado pelas mulheres parteiras às parturientes. Assim, pode-se afirmar que os conhecimentos empíricos e a intuição acurada faziam parte do cotidiano do médico, auxiliando-o na formulação de um diagnóstico apropriado.⁷ No que se refere ao emprego do fórceps como uma das técnicas médicas, percebe-se que estas não estavam tão distantes daquelas usadas pelas mulheres parteiras goianas, as quais também faziam uso do fórceps.

Pode-se inferir também da carta escrita por Theodoro Rodrigues de Moraes que a compreensão sobre o parto, ainda que extraída dos ensinamentos médicos, revela a influência que a religião tinha sobre a situação, afinal Nossa Senhora do Bom Parto era a protetora das parturientes. Verifica-se ainda a preferência do espaço da casa para a realização do parto. Com efeito, na casa, os familiares não só mantinham o controle da situação, como também preservavam as tradições locais, o que nos faz acreditar que, antes da interferência médica, houve a participação da parteira, embora tenham sobressaído os ensinamentos dos doutos.

Entre as técnicas mais usadas pelas parteiras na Cidade de Goyaz, estavam: lubrificar as mãos e as partes genitais da parturiente com óleo, bem como sua barriga; balançar a gestante; apertar a barriga dela para baixo, facilitando o nascimento da criança. O parto era realizado muitas vezes de

cócoras. Ainda era muito usado o banho quente de anil, para ajudar as contrações.⁸

Quando o parto era complicado, geralmente as parteiras, com o auxílio de algumas ajudantes, penduravam a parturiente em um caibro, de cabeça para baixo, para que a criança voltasse para o lugar.⁹

O médico, literato e cronista Ricardo Paranhos relata um exemplo última prática na Província de Goyaz durante o ano de 1878.

Ao chegar numa fazenda em Goiás, percebeu logo que havia grande novidade no interior da casa. Chamou uma negra que passava correndo e por esta veio a saber que a mulher do fazendeiro estava, há dias, com dores de parto, em estado gravíssimo. Dissera ele à negra, que era médico e fora Deus, com certeza, que lhe encaminhou os passos para ali, àquelas horas. [...] Introduzido imediatamente no quarto, deparou com este quadro horrível, mas comum naqueles tempos: a parturiente pendurada num dos caibros por uma sobrecarga passada por debaixo dos braços! Era assim que se fazia quando a criança demorava a nascer! A primeira providência do médico foi mandar que a tirassem da sobrecarga e pusessem na cama.¹⁰

O quadro acima descrito, a partir do olhar médico, revela uma das práticas usuais das mulheres parteiras, as quais são negadas pelo discurso médico e aceitas por mulheres e homens leigos. Percebe-se ainda que, na ausência de um médico, as mulheres parteiras usufruíam de total autonomia na realização do parto.

As técnicas usadas pelas mulheres parteiras foram registradas ainda por alguns viajantes europeus que estiveram no Brasil durante o período imperial. Os relatos desses viajantes sobre as mulheres parteiras influenciaram na construção social da imagem das parteiras goianas como mulheres ignorantes.

Os testemunhos dos viajantes são preciosos instrumentos de trabalho, pois, apesar de escritos sob o ponto de vista do estrangeiro, constituem importantes fontes históricas, não verdades absolutas, mas pela leitura deles é possível perceber como eles exerceram influência no argumento médico e oficial segundo o qual as mulheres parteiras não dispunham de conhecimentos adequados para desenvolver seu ofício.

Em seus relatos, os viajantes caracterizaram as técnicas usadas pelas parteiras como grosseiras e rudes. Segundo Josep A. Fort, que passou uma temporada na cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, as parteiras

Suspendem a mulher pelos braços e pelas pernas e a sacodem vigorosamente, para expulsar a criança. Usam fórceps sem nenhuma perícia. Quando a criança aparece na vulva costumam prender os dois grandes lábios para aumentar a abertura e assim que a cabeça da criança aparece elas, banhadas de suor, pega a cabeça da criança e começa a puxar como a um boi. Para a retirada da placenta, a parteira mete a mão no útero da parturiente e a retira com as unhas.¹¹

Como se pode observar, Josep A. Fort destaca o comportamento adotado pelas parteiras durante a realização do parto. A falta de higiene, as atitudes incorretas são apresentadas como traços negativos dessas mulheres. As observações apresentadas estão calcadas no discurso médico europeu, o que dificulta o entendimento da prática médica brasileira, principalmente no que se refere aos saberes e aos conhecimentos dos práticos ou curiosos, no caso as parteiras, por parte do universo feminino.

A mesma visão etnocêntrica desse viajante é encontrada nas descrições, sobre as mulheres parteiras da Cidade de Goyaz, fornecidas pelo físico das tropas da Província de Goyaz Gabriel Marie Ploesquellec, em 1882. A influência negativa dessas mulheres na vida das parturientes é apresentada da seguinte forma:

Que tendo observado, e conhecido os deploráveis efeitos, que resultam da ignorância das Parteiras do interior deste Imperio, onde hum numero incalculavel de creaturas morrem diariamente na occasião de seus partos, levando ao tumulo seus filhos, victimas innocentes da mais crassa ignorancia, [...].¹²

O médico Ploesquellec, tal como Josep A. Fort, também traça um perfil das parteiras como mulheres ignorantes. O caráter dessas mulheres, suas técnicas e seus costumes são vistos como aspectos negativos. Nota-se também que esses médicos estavam cientes do prestígio social que envolvia as parteiras, o que configura um dos fatores que dificultava a valorização do conhecimento médico acerca da maternidade.

Referências às mulheres parteiras também aparecem nos relatos de Saint-Hilaire, quando ele esteve no Brasil, durante o século XIX, na cidade do Rio de Janeiro. Ele fez algumas observações sobre as técnicas mais freqüentes usadas pelas parteiras.

Para partejar uma mulher, faziam-na assentar-se sobre uma medida quadrada denominada meio-alqueire, posição em que várias pessoas a mantinham, enquanto a parteira recebia a criança, tendo-se o cuidado de sacudir a parturiente com a intenção de tornar o parto mais fácil.¹³

A partir do registro acima, vê-se que algumas técnicas empregadas pelas mulheres parteiras goianas não diferiam das usadas pelas demais parteiras que atuavam em outras províncias do Brasil.

Na Cidade de Goyaz, durante o período imperial, além das técnicas registradas por médicos e viajantes europeus, as simpatias também eram usadas para tornar o trabalho de parto mais rápido. Entre elas, destacam-se: vestir a parturiente com a camisa do marido pelo avesso; colocar o chapéu do marido; fazer barulho com um prato; defumar o quarto com folhas secas, casca de alho ou ervas aromáticas.¹⁴

Embora não condizente com os ensinamentos médicos, notadamente no que diz respeito ao uso de alguns medicamentos no momento do parto, as técnicas usadas pelas mulheres parteiras eram muitas vezes bem mais atraentes do que as empregadas pela medicina.

De qualquer forma, o combate aos práticos de medicina nas Províncias de Goyaz, entre eles as parteiras, foi um processo difícil. Fatores como a cumplicidade entre parturientes e parteiras, o pudor das mulheres da época, o que tornava difícil a aproximação masculina, aliados à falta de médicos em toda a província, facilitavam a ação dos práticos.

As parteiras se revelaram capazes de contribuir com o próprio conhecimento médico e, em muitos casos, na província de Goyaz, conseguiram suprir a ausência constante deles.

Ainda assim, principalmente na segunda metade do século XIX, na Cidade de Goyaz, o discurso oficial valoriza cada vez mais o médico, e

promove uma perseguição mais sistemática àqueles que praticavam a medicina popular, ou seja, aos curiosos, como eram conhecidos.

Mostrar a sociedade à importância de um conhecimento mais eficaz para lidar com problemas da maternidade, foi a forma encontrada para diminuir o elevado índice de mortalidade infantil e das parturientes.

Esses mecanismos se constituíram em elementos atrativos empregados pelo discurso médico para ganhar a confiança das camadas populares, justamente aquelas que tradicionalmente recorriam ao auxílio das parteiras para tratar de doenças femininas e realizar partos. Essas estratégias tinham o intuito também de evitar os óbitos causados pela imperícia das mulheres parteiras, imagem muito divulgada pela medicina.

Ainda que múltiplos obstáculos tivessem surgido na prática médica, em decorrência de vários fatores já apontados, a medicalização do parto ganha cada vez mais espaço na sociedade goiana, principalmente no final do século XIX, o que não significa o desaparecimento das mulheres parteiras, pois seu valor social sempre se fez presente.

A preocupação constante em adquirir confiança das parturientes foi uma das razões que levou os médicos a defender o hospital como o local mais adequado para a realização do parto, o que também configura a disputa profissional entre médicos e parteiras.

Tendo como base os documentos oficiais analisados, afirmamos que, na Cidade de Goyaz, o processo de medicalização do parto não foi diferente da observada nas demais províncias. As mulheres parteiras perderam seu espaço em decorrência do discurso de civilidade e higiene que passou a influenciar cada vez mais o poder público, tendência iniciada durante o período imperial e que ganhou maior ênfase no Brasil República.

Contudo, pode-se afirmar que a partir de uma relação conflituosa, mas de complementaridade com o discurso médico da época, as mulheres parteiras conseguiram exercer seu ofício com prestígio na família vilaboense. As fontes documentais pesquisadas mostram que grande parte dessas mulheres, contrariando o discurso médico do período, resistiu e persistiu nas suas práticas, técnicas e formas de partejar, demonstrando que faziam parte da

história na medicina da Cidade de Goyaz, já que contribuíram para a sua formação.

NOTAS

1. ALENCASTRO, Luis Felipe. Vida privada e ordem privada no Império. In: NOVAIS, Fernando A (Org). *História da vida privada no Brasil: império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 71.
2. HAEG, caixa 17, Livro de Registro de Doc. nº 51, 1822–1825.
3. BRETAS, Genesco Ferreira. *História da instrução pública em Goiás*. Goiânia: Editora da UFG, 1991, p.157.
4. BUENO, Jerônimo Carvalho. *História da medicina em Goiás*. Goiânia: [s.n., s.d.], p. 10.
5. Formado em 1840, foi o primeiro médico goiano e único ginecologista da época. Foi presidente da Província de Goyaz em 1873 e nomeado cirurgião-mor em 1884. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1885, após a morte de sua esposa em decorrência de parto.
6. Arquivo Museu das Bandeiras, Cidade de Goiás, Correspondências do Hospital São Pedro de Alcântara, caixa 57, doc. Avulsos.
7. FERREIRA, Gilka Vasconcelos. Saúde e doenças em Goiás (1826-1930). In: CASTELLO, Lena (Org). *Saúde e doenças em Goiás: a medicina possível*. Goiânia: Editora da UFG, 1999, p. 63.
8. ANZAI, Leny Caselli. *Vida cotidiana na zona rural do município de Goiás: 1888 – 1930*. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1985, p. 96.
9. Idem. p. 97.
10. PARANHOS, Ricardo. *Obras completas*. Goiânia: Cerne, [s.d.], p. 336–337. Segundo Paranhos, quando a parturiente demorava a ter a criança, era posta na sobrecarga, espécie de cilha de que se servem os tropeiros, para apertar as cargas. Diz o autor: “Quantas mulheres não tiveram morte horrível, penduradas por essa forma!”.
11. LEITE, Míriam Moreira (Org). *A condição feminina no Rio de Janeiro. Século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros*. São Paulo: Edusp, 1984, p. 125.
12. HAEG, caixa 17, Livro de Registro de Doc. nº 51, 1822–1825.
13. SAINT-HILAIRE, Augusto. *Segunda viagem ao Rio de Janeiro, a Minas Gerais e a São Paulo*. Tradução de Clado Lessa. São Paulo: Companhia da Editora Nacional, Trad. Clado Lessa, [s.d.], p. 107.
14. LACERDA, Regina. *Vila Boa: história e folclore*. Goiânia: Oriente, 1977, p. 170.

BIBLIOGRAFIA

- ALENCASTRO, Luis Felipe. Vida privada e ordem privada no Império. In: NOVAIS, Fernando A (Org). *História da vida privada no Brasil: império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ANZAI, Leny Caselli. *Vida cotidiana na zona rural do município de Goiás: 1888 – 1930*. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1985.

-
- BRETAS, Genesco Ferreira. *História da instrução pública em Goiás*. Goiânia: Editora da UFG, 1991.
- BUENO, Jerônimo Carvalho. *História da medicina em Goiás*. Goiânia: [s.n., s.d.].
- FERREIRA, Gilka Vasconcelos. Saúde e doenças em Goiás (1826-1930). In: CASTELLO, Lena (Org). *Saúde e doenças em Goiás: a medicina possível*. Goiânia: Editora da UFG, 1999.
- LACERDA, Regina. *Vila Boa: história e folclore*. Goiânia: Oriente, 1977.
- LEITE, Míriam Moreira (Org). *A condição feminina no Rio de Janeiro. Século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros*. São Paulo: Edusp, 1984.
- PARANHOS, Ricardo. *Obras completas*. Goiânia: Cerne, [s.d.].
- SAINT-HILAIRE, Augusto. *Segunda viagem ao Rio de Janeiro, a Minas Gerais e a São Paulo*. Tradução de Clado Lessa. São Paulo: Companhia da Editora Nacional, Trad. Clado Lessa, [s.d.].